



UniCEUB CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACS - FACULDADE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CURSO: PSICOLOGIA

ATRIBUIÇÕES DE CAUSALIDADE PARA O SUCESSO E FRACASSO NA MODALIDADE ESPORTIVA VOLEIBOL FEMININO

Ana Maria Bastos de Carvalho

Brasília
Junho 2004

ANA MARIA BASTOS DE CARVALHO

ATRIBUIÇÕES DE CAUSALIDADE PARA O SUCESSO
E FRACASSO NA MODALIDADE ESPORTIVA
VOLEIBOL FEMININO

Trabalho de conclusão apresentado à
disciplina Monografia do Curso de
Psicologia da Faculdade de Ciências da
Saúde – UniCEUB- Centro Universitário de
Brasília

Brasília, junho de 2004

Dedico esta monografia a minha família que sempre esteve presente compartilhando a minha caminhada, ao meu pai, que me iluminou através das estrelas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, luz constante em minha vida. Minha família, pelos valores aprendidos, o carinho e dedicação dispensados.

A pessoas muito especiais, Glória, Eduardo, Paulinho pelo incentivo e contribuição para a concretização de um ideal, suas palavras não deixaram que eu desanimasse.

Àqueles que entenderam a minha ausência, eles sempre estiveram em meus pensamentos.

Ao meu orientador Prof. Dr. Hiram Valdés Casal por acreditar no meu empenho.

A Rossana Benck, por iniciar um estudo tão importante, no campo da Psicologia do Esporte.

Aos psicólogos, que apresentaram suas abordagens e teorias durante este percurso, cada um deixou registrado a sua marca e sua história de vida.

Às atletas, sem as quais não seria possível este trabalho, obrigado.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	vi
LISTA DE TABELAS.....	vii
RESUMO.....	viii
1. INTRODUÇÃO.....	9
1.1. Objeto de Estudo.....	9
1.2. Justificativa.....	11
1.3. Objetivos.....	11
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
2.1. O Surgimento do Esporte.....	12
2.1.1. Esportes Coletivos: o desenvolvimento do Voleibol.....	13
2.2. Psicologia e Esporte.....	15
2.3. Motivação no Esporte.....	17
2.4. Atribuição de Causalidade.....	24
2.5. Atribuição de Causalidade no Esporte.....	26
3. METODOLOGIA.....	29
3.1. Seleção da Amostra.....	29
3.2. Técnica.....	30
3.2.1. Instrumento de Coleta.....	30
3.2.1.1. Descrição da CDS (Versão Inicial).....	30
3.2.1.2. Tradução e Validação da Escala de Dimensão Causal II (CDS II).....	31
3.2.2. Conteúdo dos Fatores.....	32
3.2.2.1. Dimensão Controle Pessoal.....	32
3.2.2.2. Dimensão Controle Externo.....	33
3.2.2.3. Dimensão Estabilidade.....	33
3.3. Coleta de Dados.....	33
4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	35

4.1. Percepção Geral de Sucesso e Fracasso na Modalidade Voleibol.....	35
4.2. Comparação Entre os Grupos da Modalidade Voleibol.....	36
4.2.1. Interpretação dos Fatores Dimensionais na Modalidade Voleibol – Grupos por Idade.....	38
4.3. Comparação das Modalidades Voleibol e Basquetebol.....	40
4.3.1. Interpretação dos Fatores Dimensionais nas Modalidades Voleibol e Basquetebol.....	41
5. CONCLUSÃO.....	44
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46
7. ANEXOS.....	49

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Categorias Básicas de Atribuição de Weiner	26
Figura 2:	Escala de Dimensão Causal II – Tradução e Adaptação ...	32

LISTA DE TABELAS

Tabela 1:	Freqüência da Amostra por Idade na Modalidade Voleibol..	29
-----------	--	----

Tabela 2:	Freqüência da Amostra por Modalidade.....	30
Tabela 3:	Descrição Estatística da Amostra Modalidade Voleibol – Percepção de Sucesso	36
Tabela 4:	Descrição Estatística da Amostra Modalidade Voleibol – Percepção de Fracasso	37
Tabela 5:	Descrição Estatística da Amostra Modalidade Voleibol – Percepção de Indefinição	37
Tabela 6:	Dimensão Controle Pessoal Voleibol por Idade	39
Tabela 7:	Dimensão Controle Externo Voleibol por Idade	39
Tabela 8:	Dimensão Estabilidade Voleibol por Idade	39
Tabela 9:	Descrição Estatística Modalidades Voleibol e Basquetebol – Percepção de Sucesso	40
Tabela 10:	Descrição Estatística Modalidades Voleibol e Basquetebol – Percepção de Fracasso	41
Tabela 11:	Descrição Estatística Modalidades Voleibol e Basquetebol – Percepção de Indefinição	41
Tabela 12:	Dimensão Controle Pessoal por Modalidade	42
Tabela 13:	Dimensão Controle Externo por Modalidade	42
Tabela 14:	Dimensão Estabilidade Pessoal por Modalidade	43

RESUMO

O presente estudo visa identificar primeiramente as atribuições de causalidade na modalidade esportiva voleibol em relação à percepção de sucesso e fracasso. Os sujeitos que participaram do estudo foram 25 atletas do sexo feminino com idade entre 13 e 17 anos, jogadoras de voleibol da Equipe Infante/Juvenil Força Olímpica. A atribuição de causalidade estudada por Weiner apresenta três dimensões: controle pessoal, controle externo e estabilidade. O instrumento psicométrico utilizado para a realização do estudo foi a Escala de Dimensão Causal II (CDS II), de Russell, traduzida e adaptada por Benck em 2002. Estudando a motivação e atribuição no esporte é possível interpretar, avaliar e elaborar estratégias eficazes de treinamento. Como cada esporte tem suas especificidades, busca-se comparar as modalidades Voleibol e Basquetebol, objetivando identificar semelhanças e diferenças entre estes. De maneira geral, os atletas tendem a atribuir seu desempenho e rendimento a fatores internos, ou seja, o sucesso é atribuído ao controle pessoal.

Palavras-chave: Voleibol; Basquete; Atribuição; Sucesso; Fracasso; CDS II.

1. INTRODUÇÃO

1.1. OBJETO DE ESTUDO

A motivação é uma variável-chave tanto na aprendizagem como no desempenho em contextos esportivos e de exercício (Weinberg & Gould, 2001). Tratando-se esta, de um tema presente em qualquer ação humana, e especificamente no campo esportivo, no qual é importante para a eficácia e alcance dos objetivos propostos por técnicos, professores de educação física, treinadores e preparadores físicos, o conhecimento das diferentes formas de manifestação de motivação possibilita identificar o que motiva as pessoas objetivando escolher a melhor forma de ajudá-las em seu desempenho. Sabemos que cada indivíduo possui motivos únicos para a participação de uma competição, cabe aos técnicos e treinadores oferecerem efetivamente um ambiente que satisfaça suas necessidades.

A motivação para o treinamento desportivo é conceituada como o conjunto de fatores e condições necessárias para mobilizar a disposição de um atleta ou de uma equipe para determinadas ações, sejam de treinamento ou competição (Tubino, 1980). As diferentes teorias têm expressado facetas diferentes da motivação no esporte, mas neste, as teorias que tem a ver com desempenho são muito importantes porque o esporte é uma típica atividade que valoriza desempenho e rendimento utilizando até padrões internacionais.

Uma das teorias que surgiu para explicar o fenômeno da motivação é a teoria da necessidade de realização, que apresenta uma visão interacional na qual consiste em relacionar fatores pessoais e situacionais como preditores importantes do comportamento (Atkinson & Mc. Clelland apud Weinberg e Gould, 2001).

De acordo com Schuhly (1995), o primeiro estudo sobre a teoria da motivação deve-se a Young em 1936. Segundo o autor, investiram no conceito científico, autores como Skinner e Maslow, contudo deve-se a David McClelland o grande aprofundamento sobre a “Motivação para a Realização”. A motivação para realização refere-se ao ter sucesso, realizar algo. Para Murray (apud Schuhly, 1995), é um fator interno e externo que dá início e integra o comportamento de uma pessoa. O motivo ou necessidade de realização é um construto que busca explicações para as diferenças entre as pessoas a respeito de direção, intensidade e

consistência do comportamento e da tendência a manter ou a aumentar as próprias capacidades e habilidades em todas as áreas importantes do indivíduo.

Na Alemanha, Henckausen (1972), é considerado um clássico do estudo da motivação, sua teoria tem como princípio que cada indivíduo tem dois motivos subjacentes: alcançar o sucesso e evitar o fracasso, sendo assim o comportamento é influenciado pelo equilíbrio desses motivos. Conforme este autor, as pessoas com confiança no sucesso traçam objetivos compatíveis com as próprias possibilidades, e quando fracassam apresentam pouco aborrecimento, enquanto as pessoas com medo do fracasso traçam objetivos muito baixos ou muito altos, ao alcançarem sucesso, atribuem a sorte, facilidade no alcance. As emoções envolvidas no ganho são de pouca alegria, e em relação aos fracassos demonstram alto índice de aborrecimento e tristeza (Schuhly, 1995).

Percebe-se que psicólogos do esporte e do exercício têm direcionado seu foco para a conquista de objetivos como forma de entender o desempenho dos atletas. A teoria de metas de realização é composta pela tríade: metas de realização, a percepção de capacidade para atingi-la e o comportamento frente à realização.

Tentando estabelecer alguns fatores internos que explicam para o sujeito as causas de seu desempenho e as emoções associadas a eles surgiu a teoria da atribuição criada por Heider em 1958, ampliada e divulgada por Weiner (1986), que tem como foco a explicação dada pelas pessoas a seus sucessos e fracassos. Com base nessa teoria há dimensões básicas que explicam o comportamento: locus de estabilidade, locus de causalidade e locus de controle.

Observando que a atribuição está intimamente ligada ao desempenho esportivo, pretende-se verificar através do instrumento Escala de Dimensão Causal II (CDSII), como os atletas de uma equipe de voleibol justificam e atribuem sua performance de sucesso ou fracasso. Tal estudo visa ampliar uma área pouco estudada, porém de grande importância no campo da Psicologia do Esporte.

O foco desse estudo será na motivação no esporte com referência a Teoria Atribucional. O objeto de estudo / pesquisa será as atribuições de desempenho de uma equipe de voleibol feminino comparadas a pesquisa realizada por Rossana Benck (2002), envolvendo atletas de ginástica olímpica, ginástica rítmica, judô, natação e uma equipe de basquetebol.

1.2. JUSTIFICATIVA

As explicações ou atribuições que as pessoas dispensam para o seu desempenho influenciam suas expectativas de sucesso e fracasso, daí a importância desse estudo, visando identificar a quem atletas da modalidade esportiva voleibol atribuem seu desempenho e ainda comparando ao estudo de pesquisa realizado por Benck (2002) envolvendo outras modalidades (basquete, ginástica, natação e judô).

O tipo de causa que é atribuído aos resultados percebidos determinará o grau de comprometimento do atleta com a atividade e, portanto, ajudará a compreender os resultados.

Um dos aspectos fundamentais a levar em conta neste tipo de trabalho é o fato de que as motivações e as atribuições de causa são socialmente determinadas, então é preciso saber como os atletas brasileiros, determinam suas atribuições tanto pela faixa etária, pelo sexo, pelo tipo de esporte, pelo nível de rendimento, entre outras variáveis.

1.3. OBJETIVOS

- Identificar possíveis atribuições de sucesso e fracasso no desempenho dos atletas de voleibol feminino
- Comparar as dimensões de atribuição de sucesso e fracasso das atletas de voleibol feminino entre a faixa etária de 13 a 17 anos
- Comparar os resultados encontrados em atletas das modalidades esportivas voleibol e basquetebol

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. O SURGIMENTO DO ESPORTE

Os homens primitivos, pelas condições de vida a que os obrigava o ambiente físico, pelo perigo a que se expunham constantemente, pela necessidade de proteger-se cada vez melhor, pelas lutas de morte a que se condicionava a sua própria sobrevivência, possuíam excepcionais qualidades físicas. As longas caminhadas, pois o único meio de transporte que possuíam eram seus pés, davam-lhe velocidade nas corridas. A imposição de acertar o alvo, quase sempre móvel, adestravam-nos nos arremessos; as valas, os precipícios, o terreno acidentado, exercitavam-nos constantemente nos saltos. O refúgio ou busca dos frutos em altas árvores, ensinavam-lhes os movimentos de trepar só com os braços ou com estes e as pernas. O transporte de caça e de objetos pesados mantinham o seu vigor físico e a sua fabulosa força muscular; lutas contínuas, em corpo a corpo, deram-lhes destreza. Além disso, os lagos e os rios forçavam-nos a aprender como atravessá-los ou usando pedaços de paus, que os auxiliavam a flutuar e ensinaram-nos a mergulhar para recolher a pesca. Sem perceber, o homem em busca de sua sobrevivência, desenvolveu habilidades físicas através de suas necessidades básicas.

Os gregos foram pioneiros em aliar está condição de sobrevivência a um objetivo específico, eles valorizavam a força física não só preparando os soldados para a guerra, mas também nas festas e celebrações religiosas. Realizavam de quatro em quatro anos os Jogos Pan Helênicos em Olímpia (776 anos a.C. a 392 anos a.C.). Não haviam equipes, só competidores individuais. Os campeões tinham glória, recebiam coroa de oliveira e desfilavam solenemente, tornavam-se importantes.

Os romanos também já praticavam esportes através de competições de caráter religioso, além de usarem estes para o preparo de soldados e no adestramento dos gladiadores para os espetáculos nas arenas, quando lutavam contra animais ou escravos.

A partir do século XVII, por volta de 1700, ocorre o surto de ginástica na Inglaterra e finalmente no século XIX a Europa reconhece a importância da prática desportiva. Em 1896, acontecem os Primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna - Atenas- envolvendo 10 esportes, 42 provas, 285 atletas (todos homens) e 13 países. O Brasil começou a participar no VII Jogos, em 1920, em Antuérpia.

Atualmente todos reconhecem a importância do esporte, e tal importância ultrapassa as próprias fronteiras a que aparentemente estaria confinado em virtude da sua configuração exterior - atividade física.

Este fantástico desenvolvimento do desporto, na sua dimensão espetáculo, desempenha um papel de extrema importância no meio de nosso corpo social. Atletas constituem-se em modelos sociais a serem seguidos, além disso, é percebido a importância de tal fenômeno ao observarmos o próprio desporto como objeto de ciência, com inúmeros ramos do saber interessados na sua análise (Barbanti e orgs., 2002).

Para Weineck (2003), o homem necessita de movimento, todos os seus sistemas orgânicos e de sentidos precisam ser estimulados através do movimento, da atividade física e do esporte para uma formação e um desenvolvimento ótimo, assim como para uma manutenção ou aumento da capacidade de rendimento, principalmente na fase de crescimento (infância e adolescência).

2.1.1. Esportes Coletivos: o desenvolvimento do voleibol

Para Moreno (apud Tavares in Barbanti, 2002), “os jogos coletivos integram, o grupo dos designados desportos de cooperação/oposição, nos quais a ação do jogo é resultante das interações dos jogadores, realizadas de modo que uma equipe coopera entre si para opor-se a outra” (pg. 132).

Esta cooperação se torna eficaz quando há um conjunto de capacidades específicas para a organização interna do desenvolvimento do jogo, buscando a cooperação entre as ações coletivas além da rapidez na tomada de decisões táticas e velocidade das ações motoras.

O envolvimento do atleta no esporte e seus diferentes tipos exigem deste um bom desenvolvimento de suas funções, qualidades e estados psíquicos, fatores presentes constantemente no processo de preparação e competição (Benck, 2002).

O voleibol é um esporte que envolve objetivos específicos possui caráter de rendimento e é praticado em equipe, sendo assim, há a necessidade de se estabelecer fatores individuais e coletivos, que possam vir a contribuir para o desempenho almejado.

A origem do voleibol se deu nos Estados Unidos da América em 1895, na cidade de Holyoke, em Massachusetts, com o nome de *minonette*. Seu idealizador

foi o diretor de Educação Física da Associação Cristã de Moços (ACM) local, professor William George Morgan. O basquetebol havia sido instituído a poucos anos (1891) por James Naissmith, ex-professor de Morgan, sendo este o esporte dominante da época, porém considerado cansativo e de energéticos contatos para homens de idade avançada, Morgan preconiza um jogo de menor valência física para os associados da ACM (Proni & Lucena, 2002).

O voleibol veio preencher uma lacuna em matéria de jogos. Trata-se de um jogo de recinto fechado, para os que desejam uma modalidade esportiva menos rude que a bola-ao-cesto, mas que ainda requer certo grau de atividade. É um jogo adequado a ginásios ou pátios de exercícios, mas que também pode ser jogado em campo aberto. Pode jogá-lo qualquer número de jogadores. O jogo consiste em manter uma bola em movimento sobre uma rede alta, participando, assim, do caráter de dois outros jogos: tênis e handebol. O Vôlei obriga à prática constante de sentimentos superiores sob a pena, de quem não o fizer, de ser excluído como elemento desnecessário e mesmo prejudicial; naturalmente repellido pelo demais companheiros, interessados no sucesso do quadro. Sob o ponto de vista social é uma recreação agradável e um processo poderoso de aproximação e de estímulo, incentivando em todos, como esporte coletivo que é, o espírito de corporação imprescindível à consistência de toda a organização social. Agrada, diverte e beneficia o indivíduo e a coletividade (Proni & Lucena, 2002 pg 97-98).

Percebe-se uma diferenciação na maneira como é caracterizado o Voleibol no mundo, tais diferenças são provenientes da diferença entre as raças, história, personalidade e clima da região.

Segundo Carvalho (1980), o voleibol mundial é classificado em cinco “escolas”:

1. Escola Russa
2. Escola Tcheca
3. Escola Alemã
4. Escola Romena
5. Escola Japonesa

Em países com a Rússia, a Polônia e Bulgária, o voleibol caracteriza-se pelo vigor, visto que, esta é uma característica do povo eslavo. Mesmo sendo a Tchecoslováquia pertencente ao povo eslavo, esta se diferencia no voleibol, sendo este, jogado com mais inteligência e habilidade. Estes aspectos observados não estão presentes no voleibol da Alemanha Oriental, sua maior característica é “segurança primeiro”, este voleibol se vincula ao orgulho da excelente raça que detesta errar. A Romênia apresenta um voleibol jogado jovialmente, expressam alegria e tristeza com todo o corpo, o voleibol é caracterizado pelo ritmo e

velocidade. Estas características são percebidas na armação técnica e tática de uma equipe (Carvalho, 1980).

O voleibol foi introduzido no Brasil pela ACM de São Paulo em 1917, o país disputou sua primeira partida internacional em 1951, pelo Campeonato Sul-Americano, onde consagrou-se campeão, ano também que foi criada a Confederação Brasileira de Voleibol, desde então o Brasil tem participado das Olimpíadas e Campeonatos Mundiais.

O voleibol brasileiro emprega aspectos tanto da Escola Russa como da Escola Japonesa, mas percebe-se traços da Escola Romena observados nos atletas brasileiros, como “a garra”, “sangue” e “luta” quando sentem a possibilidade de vitória ou boa classificação.

2.2. PSICOLOGIA E ESPORTE

A sociedade contemporânea apresenta características bastante complexas em relação aos indivíduos, trocas, símbolos, sinais, frustrações, conflitos e dramas. Ao considerar o homem um ser cultural, infere dizer que este atua na modificação do ambiente e através do social é capaz de criar suas peculiares formas de expressar, como danças e jogos. A capacidade humana em extrair da natureza formas únicas de expressão possibilita uma interação entre povos e culturas universais.

Entender como se processa e esclarecer a vida em sociedade, bem como seus produtos culturais se tornam importantes para o comportamento dos indivíduos em grandes grupos, grupos menores e pessoalmente. Faz parte do estudo das ciências básicas como a Sociologia, a Antropologia e a Psicologia explicar a fenomenologia humana (Mosquera & Stobaus, 1984).

Compreender o comportamento humano significa entender como cada indivíduo interage com o outro. Entre as formas culturais universais os jogos estruturados se destacam, bem como os desportos. A atividade desportiva é segundo Stobaus (apud Mosquera & Stobaus, 1984), “a canalização de esforços socialmente aceitos por um grupo humano e representa em si, tudo aquilo que o grupo humano espera dos seus desportistas” (pg. 24).

A partir disso, pode-se afirmar que o desporto abrange uma atividade intencional e em outros aspectos é apontado como uma organização intrínseca, porém não deve ficar esquecido o sentido original do desporto, é uma atividade

espontânea que nasce com o homem e visa antes de tudo o desenvolvimento humano.

Para entender o desporto, é de suma importância identificar o papel a ser exercido pela sociedade. E para que isso aconteça é necessário que se tenha conhecimento a respeito das estruturas sociais, processos de socialização e elementos individuais.

Todo esse processo de conhecimento é estudado pela Psicologia, essa por sua vez busca entender que comportamentos interagem a partir do desenvolvimento de indivíduos dentro de um determinado grupo ou atividades. Identificar motivação, emoção, socialização entre outros aspectos, significa estudar que tipo de influência atua no desempenho esportivo.

O esporte além de desempenhar este papel social, apresenta um outro aspecto, o homem busca cada vez mais a superação de seus limites. O fator psíquico aliado ao físico promove uma dedicação cada vez mais constante, para o alcance dos objetivos. Esta busca pela quebra de marcas e recordes esbarra entre outras questões, principalmente emocionais, como medo de fracassar, impotência e até mesmo reações diante do sucesso.

O objetivo principal do atleta é a preocupação com o rendimento e o enfrentamento de sua impotência no sentido de estar aquém de suas capacidades orgânicas, isso “desperta” no indivíduo uma sensação de esforço constante. E para compreender como funciona a perfeita máquina humana, a Psicologia deixa no esporte a sua parcela de contribuição, visto que, o indivíduo é um ser biopsicossocial, que sente emoções, anseios, desejos e medos.

A psicologia desportiva é muito mais do que a análise do desporto ou de um treinamento físico, ela perpassa uma série de variáveis, visto que, considera o homem uma integração de aspectos sociais, culturais e psicológicos.

2.3. MOTIVAÇÃO NO ESPORTE

Motivar é visto como processo de mobilizar necessidades pré-existentes que estejam relacionadas com os tipos de comportamento capazes de satisfazê-las. Assim que o indivíduo percebe a relação de conveniência entre sua necessidade e o comportamento que lhe foi apresentado, naturalmente se interessará por ele, tentando reproduzi-lo, afirmando então, que a motivação foi processada e o treinamento realizado (Feijó, 1988).

Segundo Valdés (1996), muitas teorias concebem a motivação como aspecto central da regulação, é o processo motivacional que direciona energia, tanto em direção como em persistência para o comportamento. Para este autor, a motivação é determinada a partir das necessidades biológicas, cognitivas, afetivas e sociais.

Considerando esta visão sobre motivação, Rudick (apud Valdés, 1996), relata que os motivos relacionados à prática desportiva partem de dois focos: direto e indireto. Entre os motivos diretos encontram-se o sentimento de satisfação após atividade muscular; prazer estético e agilidade do movimento; aspiração, no sentido de realização de exercícios difíceis e perigosos; elementos competitivos; desejo de alcançar resultado. Já, entre os motivos indiretos é possível encontrar: aspiração em ser forte; desejo de preparar-se para a atividade prática; importância social da atividade esportiva.

Samulski (1997), caracteriza a motivação como um processo ativo, intencional e dirigido a uma meta, que depende da interação de fatores pessoais (intrínsecos) e ambientais (extrínsecos). Observando tal definição sugere-se a motivação como a totalidade de fatores que determinam a atualização de formas de comportamento dirigido a um determinado objetivo, e para ocorrer tal processo, a motivação segundo o autor apresenta uma determinante energética (nível de ativação) e uma determinante de direção do comportamento (intenções, interesses, motivos, metas). Ao afirmar que tal energia é algo singular e subjetivo, motivo e motivação podem ser consideradas “construções hipotéticas”, ou seja, fenômenos que não são conhecidos e medidos diretamente, porém são considerados efetivos, já que podem ser observados através das ações de cada indivíduo.

Nos estudos de Henckausen sobre motivação apresentados em Thomas, (1983), constata-se que o comportamento dos indivíduos em determinadas situações depende muitas vezes dos estímulos presentes e afirma que são as possibilidades vividas a partir dos resultados das ações, bem como as expectativas de suas conseqüências, as que motivam o comportamento adequado, priorizando obviamente que os mesmos preferem e realizam ações que prometem conduzir a conseqüências positivas (desejadas), ou minimizar conseqüências negativas (não desejadas).

Considerando a subjetividade e peculiaridades individuais e reconhecendo que as diferenças não existem ao acaso usa-se na moderna Psicologia da Motivação, a explicação do “motivo”, este por exemplo, demonstra como as pessoas

se diferenciam em relação à expectativa geral do sucesso e do fracasso de suas ações, da mesma forma em relação aos valores referentes aos mesmos que buscam alcançar e manter, igualmente aos fatores de causa preferidos, usados tendenciosamente para explicar os resultados das ações. Portanto, os motivos denominam as diferenças individuais duradouras que se formaram ao longo do tempo de desenvolvimento (ontogênese), numa determinada situação básica, visto que, os motivos não são considerados inatos, e sim disposições aprendidas (Thomas, 1983).

A motivação é vista, segundo Sage (apud Weinberg & Gould, 2001), como “a direção e a intensidade de nossos esforços”. Já para Cratty (1984), a motivação inclui a procura de variáveis que atuam sobre a decisão de fazer tal ou qual coisa e explicam a intensidade com que as pessoas trabalham e se divertem. Considerando que os interesses mudam, assim que as necessidades são satisfeitas ou quando uma necessidade mais urgente é sentida, conclui-se que ninguém se interessa sempre pelas mesmas coisas durante todo o tempo. Portanto, o termo motivação denota os fatores e processos que levam os indivíduos a uma ação ou a inércia em diversas situações. Sendo a ação baseada em motivos, estes podem determinar porque os indivíduos escolhem fazer ou não determinadas coisas além de possibilitar observar o grau de empenho dispensado.

Para Cratty (apud Greco, 1997) os motivos são classificados de acordo com as suas fontes, podendo estas serem internas ou externas, segundo o mesmo, crianças com alto nível de habilidade são intrínsecamente motivadas, enquanto outras crianças menos habilidosas podem precisar de recompensas extrínsecas para responderem melhor as tarefas.

Concordando com Cratty, Martens (1988), segundo o mesmo autor, cita que as pessoas intrínsecamente motivadas têm um esforço interno para serem competentes e autodeterminadas, apresentando bom desempenho, alcançando assim êxito nas suas ações, esta motivação pode ser resultado da estrutura psicológica do indivíduo. Novidade e complexidade da experiência mental ou motora são consideradas fontes internas. Já a motivação extrínseca vem de uma fonte externa através de reforços positivos e negativos. Tais reforços podem ser tangíveis (como dinheiro) ou intangíveis (como o reconhecimento do público) e quando recebidos, são conhecidos como recompensas extrínsecas.

Ainda em relação à motivação intrínseca, em estudos com estudantes pré-universitários realizados por Duda e Nicholls (apud Valdés, 1996), percebeu-se uma correlação significativa e positiva entre a orientação do ponto de vista da auto-superação e a tendência em perceber a experiência desportiva como interessante e prazerosa.

Mesmo em outros estudos realizados por Duda, Chi e Newton, percebe-se a relação positiva entre auto-superação e esforço, fica claro que esta motivação origina-se de uma força interna do indivíduo.

Compreender que o processo da motivação está diretamente envolvido com a dinâmica das necessidades humanas é compreender o segredo essencial do motivar. E compreender aquilo que é básico na motivação, significa conhecer o elemento energizador da aprendizagem, do Treinamento Desportivo. Ao considerar que qualquer tipo de comportamento desportivo que se deseja desenvolver em um atleta, o caminho motivacional será sempre o de suas necessidades pessoais, sejam estas físicas, espirituais, políticas, estéticas ou econômicas.

Segundo Lawther (1973), a Psicologia Desportiva é uma área que procura aplicar os fatos e princípios psicológicos ao aprendizado, desempenho e comportamento humano associados ao campo desportivo, além de estudar as motivações do homem e suas reações emocionais, seja como participante ou como espectador.

Prieto (apud Tubino, 1980), afirma a notável relevância social do esporte, para ele o esporte tem dupla perspectiva na análise de sua importância social, como fenômeno social, além de ser considerado instrumento de equilíbrio social. O esporte tornou-se um fenômeno cultural e social universal que reflete objetivos econômicos, ideológicos, políticos, culturais, científicos e sociais. Quanto aos valores com que o esporte pode contribuir para a sociedade, Prieto reconhece que o homem pode ser conduzido a inúmeras virtudes sociais, à convivência, à coesão, identificação social, além de valorizar o tempo ocioso como tempo eminentemente social.

Etmologicamente, a palavra *esporte* vem de *disport* (dis e portare) - afastar do trabalho. Para este autor a derivação da palavra é subentendida como sendo o esporte divertimento e não trabalho cansativo.

A partir deste conceito é evidente que o esporte dá prazer, caso contrário deixaria de ser interesse geral. Para Bouet (1968), ainda segundo o autor, “o esporte é uma janela aberta para o prazer do movimento muscular e da respiração e

circulação ativadas. A euforia sentida após uma luta é um alívio profundo, uma resolução da tensão energética do corpo”(pg. 26).

A maioria dos atletas direciona suas ações para o desempenho, visam o êxito nos resultados, é como se o impulso estivesse ligado a um padrão de alcance de metas de um máximo absoluto.

Em Thomas (1983), Feige relata sobre a importância da motivação no esporte, distinguindo algumas dimensões fundamentais:

1. uma base fundamental de instinto
2. uma ligação emocional afetiva
3. a execução e a estabilização baseadas em necessidades individuais e sociais
4. um esforço intelectual
5. uma imaginação de objetivos e valores orientada pela decisão de vontade.

Para Feige, “a força motivante dos componentes finais depende, de forma decisiva, da importância que se atribui ao alcance de objetivos desportivos dentro da estrutura pessoal de valores”. (Thomas, 1983, pg. 74).

Deve-se encarar a motivação do esporte em sua dependência funcional como um sistema parcial de uma estrutura individual de motivação superposta. Sendo assim, cabe dizer que a motivação no esporte é determinada, em parte, pelas possibilidades específicas do esporte como campo de ação e de vivência, e por outra parte, experimenta uma influência relevante por conjunturas emocionais específicas do indivíduo.

A partir desta caracterização da importância da motivação no campo desportivo, técnicos, atletas e psicólogos do esporte vêem este processo como um dos atributos fundamentais para determinar um desempenho esportivo. É necessário conhecer os fatores que influenciam os níveis de motivação, visto que, o conhecimento de tais motivos por profissionais envolvidos é a chave do sucesso entre estes e o atleta, além de prever a permanência deste no esporte.

Para Valdés (1996), um aspecto de suma importância na motivação do ponto de vista esportivo, é a figura do treinador. A sua influência não se restringe apenas no campo esportivo, alcança também áreas educativas importantes e muito próximas das necessidades vitais, principalmente de jovens em sua formação moral.

Ainda em relação à motivação no âmbito do esporte, cabe dizer que esta, refere-se às razões pelas quais os atletas atuam, considerando estas, variáveis e difíceis de serem mensuráveis e reduzidas a rígidos conceitos (Cratty, 1984). Além das razões diferentes de cada indivíduo em participar de uma modalidade esportiva há também motivos que levam tal atleta a atuar durante a competição.

Para Rushall (apud Tubino, 1980) as próprias performances evidenciam o nível de motivação dos atletas, caracterizando-se no principal indicador desse estado psicológico favorável e imprescindível para que os meios de preparação venham a tornar-se instrumentos para os êxitos desportivos objetivados.

Pode-se afirmar que para o desenvolvimento da motivação em atletas encontram-se dois tipos de estímulos: internos (ambição pessoal, características pessoais, desejo de superação, etc) e externos (prêmios, publicidade, popularidade, destaque no meio social, etc). O uso de tais estímulos é função de coordenadores, treinadores, médicos, dirigentes de maneira geral numa preparação desportiva, aliados ao comportamento positivo/negativo do próprio atleta durante o treinamento ou competição. Vale ressaltar que a motivação excessiva ou a falta desta podem ser dois sintomas muito prejudiciais no rendimento dos atletas. Segundo Silva (1967), são consideradas motivações do esportista:

- A necessidade de sensações: o prazer que a atividade lúdica provoca no ser humano, espécie de comportamento infantil que permanece no ser humano por toda a vida; constitui uma base emocional, mas é sobretudo uma das puras satisfações da necessidade básica denominada hedonística.
- O interesse de competir: a manifestação ostensiva da necessidade de afirmação para obter estima e reconhecimento. É um meio que o atleta verifica e atualiza o seu potencial, além de encerrar uma variação de atitude de posição, em embate contra obstáculos.
- A necessidade de afiliação: na qual procura incorporar-se ao meio social, através da demonstração de força ou de habilidade motora.
- O papel do corpo como situação motivante: possibilita esclarecimento da função do corpo e da noção de sua imagem, visto que, o esporte pode desempenhar atuação benéfica, construtiva e até terapêutica, considerando casos de inferioridade física.

- A independência econômica: possível em esportes altamente profissionalizantes.

Um atleta escolhe um esporte e dele participa demonstrando grau de competência, podendo ser influenciado por experiências passadas ou situações recentes, sendo assim, afirma-se que os motivos que levam a um desempenho num esporte podem partir da combinação de eventos passados ou atuais, ambos conscientes pelo atleta.

A motivação é sem dúvida, a “mola” propulsora para que ocorra aprendizagem e aperfeiçoamento. Diante desta afirmativa o quê fazer para que o atleta permaneça sempre motivado? Partindo do princípio do Psicodrama “só existe o outro na medida em que já se estabeleceu o eu-tu”, podemos supor que questões motivacionais também devem estar entrelaçadas neste conceito racional (Franco, 2000).

Na relação atleta/técnico, este último deve deixar claro objetivos propostos e principalmente as possibilidades que seu atleta tem para realizá-los, visando uma maior motivação para a tarefa. Além disso, muitos atletas precisam estar cientes de seus pontos fracos e fortes, sendo considerado tal conhecimento a base de uma estratégia para vencer obstáculos. O *feedback* oportuniza esta troca de informações entre o técnico e o atleta.

Feedback consiste, então, na informação verbal dirigida diretamente a outra pessoa ou grupo, tornando-os cientes de como sua conduta nos está afetando (Franco, 2000).

Para Weinberg e Gould (2001), o conhecimento dos resultados auxilia as pessoas a melhorarem o desempenho, visto que, o *feedback* deve estar ligado a um comportamento específico ou a um conjunto de comportamentos. As duas principais funções do *feedback* são motivar e instruir. No esporte pode-se estabelecer o *feedback motivacional*, que permite que os atletas aprendam especificamente o que têm feito incorretamente e adquiram um referencial para melhorar o seu desempenho futuro. Uma outra maneira onde o *feedback* pode ser motivador é quando este se torna um reforço, visando estimular sentimentos positivos ou negativos. O *feedback* também pode ser relacionado a um programa de metas, ou seja, o conhecimento dos resultados de forma clara e objetiva promove a eficácia das metas propostas. Já o *feedback instrutivo* permite colher informações e comportamentos específicos a serem executados, os níveis de competência a serem

alcançados e conhecer também competência, habilidades e atividades desejadas pelos atletas.

É importante que o *feedback* seja dado o mais rápido possível ao atleta, considerando que este deve assumir a responsabilidade pessoal pelo seu desempenho e comportamento.

Conforme Destarte (apud Cratty, 1984), julga-se que após o desempenho, os atletas e outras pessoas atribuem vários motivos para o grau de sucesso alcançado. A partir das possíveis causas de uma derrota, e a que ela é atribuída é possível estabelecer medidas de suporte, treinamentos mais eficazes visando o desempenho esperado. Tal estudo foi cognominado Teoria da Atribuição, na essência desta teoria, considera-se que as razões dadas pelos indivíduos para seu sucesso ou fracasso relativo podem ser colocadas em várias escalas contínuas, expressando motivos externos ou internos a eles próprios.

De acordo com a Teoria Cognitivista da Motivação, existem indivíduos que se motivam pela esperança de êxito, estes apresentam alto nível de motivação para a realização e baixo nível de angústia ou medo da derrota, enquanto outros motivados pelo medo do fracasso possuem baixo índice de motivação para a realização, considerando que não acreditam em suas conquistas além de apresentarem alto índice de angústia.

Como se pode perceber a motivação esportiva, como a motivação em geral, é um assunto complexo em relação com o qual se têm suposto diversas causas e origens também diversas.

2.4. ATRIBUIÇÃO DE CAUSALIDADE

A Psicologia Social dispensa atenção especial ao que se refere ao processo de atribuição de causalidade. Os indivíduos procuram estabelecer as causas das coisas para um possível entendimento dos comportamentos apresentados.

O fenômeno atribuição, estudado inicialmente por Fritz Heider em seu livro clássico “A Psicologia das Relações Interpessoais” (1958), afirma que os indivíduos sentem a necessidade de atribuir causas aos fenômenos que observam, o que satisfaz a vontade humana em viver num mundo relativamente estável e previsível (Heider apud Rodrigues, 1999).

A interação das forças pessoais com as forças do ambiente promove a efetivação da ação. Para Heider, segundo Rodrigues, as ações humanas derivam de causalidade pessoal ou impessoal. A primeira se refere a uma ação proveniente de uma disposição pessoal, enquanto na segunda, a atribuição da ação é deferida a forças externas, ou seja, o indivíduo não exerce o controle sobre o fato.

Em 1965, Jones e Davis (apud Rodrigues, 1999), foram os primeiros a apresentar uma tentativa de apontar fatores a cerca do comportamento observado relevantes na atribuição de uma ato.

Kelley (apud Rodrigues, 1999), ressalta aspectos importantes como: a distintividade do comportamento - isso acontece quando o comportamento é observado frente a qualquer estímulo ou apenas quando um estímulo específico está presente; constância do comportamento - o indivíduo exibe o mesmo comportamento em diferentes ocasiões; consenso - se outras pessoas reagem da mesma maneira diante do mesmo estímulo.

O mais importante sobre o estudo de Kelley refere-se dizer que, quando um comportamento de uma pessoa diante de um estímulo possui baixa distintividade, alta constância e baixo consenso tendemos atribuir seu comportamento a algo peculiar a esta pessoa (atribuição interna); porém se o comportamento se caracteriza por alta distintividade, alta constância e alto consenso, tendemos a atribuí-lo aos aspectos característicos da entidade em si (atribuição externa).

É importante considerar que, sendo a atribuição peculiar deve-se eliminar certas tendenciosidades, observadas no processo atribucional. Um erro fundamental de atribuição consiste na tendência que temos em fazer atribuições disposicionais (internas) quando observarmos o comportamento de outrem. Tendenciosidade ator/observador consiste na facilidade de fazermos atribuições internas em relação ao comportamento que observarmos em outras pessoas e de fazermos atribuições externas quando consideramos nosso próprio comportamento, principalmente quando esse é negativo. Ao sermos elogiados pelos nossos comportamentos, tendemos a fazer atribuições internas porque a isso nos leva a tendenciosidade auto-servidora ou egotismo, ou seja, tendemos atribuir nossos fracassos a causas externas e nossos sucessos a causas internas.

Bernard Weiner (apud Rodrigues, 1999), apresentou a *Teoria Atribucional* de motivação e emoção, o mesmo realizou várias pesquisas durante estes 25 anos inspiradas nos trabalhos de Heider sobre atribuição de causalidade. O foco da teoria

atribuicional é explicar a que os indivíduos direcionam seus sucessos e fracassos. Segundo Weiner (Weinberg & Gould, 2001), a explicação para tal resultado pode ser apresentado a partir de algumas categorias (Fig. 1).

Conforme o autor, o sucesso ou o fracasso de uma pessoa podem ser atribuídos a diversas variáveis:

- . fator estável / fator instável
- . causa interna / causa externa
- . fatores controláveis pelo indivíduo / fatores fora do controle do

indivíduo

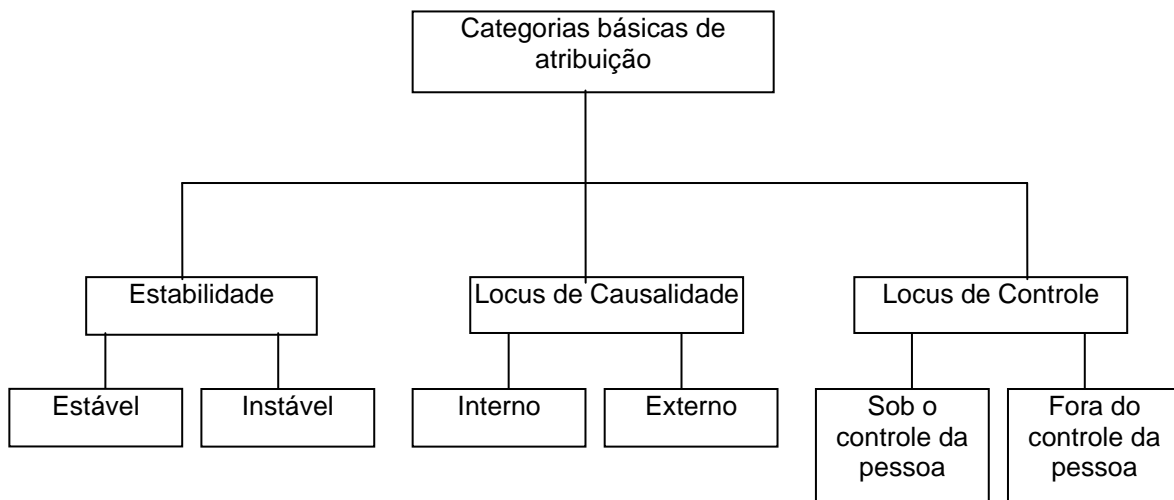


Figura 1: Categorias básicas de atribuição Weiner (Weinberg & Gould, 2001).

O estudo sobre as atribuições é considerado importante, visto que, a partir destas, se estabelecem às expectativas em relação ao futuro seja ele de sucesso ou fracasso, considerando estados emocionais que podem vir influenciar a motivação do indivíduo.

Para Gill (apud Weinberg & Gould, 2001), “o motivo para alcançar o sucesso é definido como a capacidade de experimentar orgulho ou satisfação nas

realizações, enquanto o motivo para evitar o fracasso é a capacidade de experimentar vergonha ou humilhação como conseqüência do fracasso” (pg. 82).

2.5. ATRIBUIÇÕES DE CAUSALIDADE NO ESPORTE

A busca de explicações para o desempenho positivo ou negativo em numerosos contextos se expandiu bastante, com o objetivo de entender os “porquês” do desempenho, a teoria da atribuição ganhou notório destaque, contudo percebe-se que, há uma tendência geral para se culpar outros ou condições fora do alcance, por ocasião de um fracasso e dar a si própria responsabilidade pessoal nas vitórias e sucessos.

Em pesquisa realizada em atletas por Weiner (apud Franco, 2000), para identificar a que esses atribuíam seus sucessos e fracassos, foi concluído que àqueles com passado de vitórias atribuíam seus sucessos a causas internas estáveis (capacidade própria) e seus fracassos como causas internas instáveis (falta de esforço ou treinamento). Atletas com passado de derrota atribuíam seus sucessos a causas externas instáveis (sorte dele, adversário fraco) e seus fracassos a causas externas estáveis (incompetência da arbitragem ou superioridade do adversário).

Pesquisas baseadas na teoria da atribuição pretendem organizar em categorias as desculpas que os atletas formulam revelando a tendência de atribuir forças “externas” (outros, o ambiente, a sorte) e variáveis “internas” (habilidade, esforços) em relação ao desempenho. Tais pesquisas sugerem que as perspectivas em relação às metas influenciam as atribuições causais e as crenças sobre as causas do sucesso ou fracasso obtidos.

Para Destarte (apud Cratty, 1984), é fácil identificar o montante de sucesso ou fracasso vivido pelo atleta ao se observarem às razões que o mesmo pode dar para o sucesso ou fracasso do momento. Atletas que regularmente apresentam desculpas fora de seu próprio controle tanto para a vitória como para derrotas poderão necessitar de estímulos maiores e sinais de sucesso para sobrepujarem um passado de derrotas. Os atletas que atribuem causas instáveis para as vitórias ou derrotas mostram um passado relativamente contraditório a respeito de sucessos e fracassos. Percebe-se pequena probabilidade que atletas que normalmente se culpam pelo resultado do evento esportivo sejam difíceis de serem motivados em

futuras competições atléticas, pois acreditam que por terem tido um passado de sucesso aguardam futuras vitórias por causa da percepção altamente favorável que têm de sua própria capacidade e da necessidade de se esforçar o máximo para otimizar tal qualidade.

Existem outras variáveis que podem ser consideradas no resultado, por exemplo, o fato de uma competição ser individual ou num time. Nem sempre o atleta culpa os colegas quando o time perde ou chama para si o mérito da vitória.

Segundo Duda e Nicolls (apud Valdés, 1996) em pesquisa realizada em atletas pré-universitários observou-se que estes tinham uma orientação voltada para a sua própria superação, estes acreditavam que o sucesso esportivo é uma função da motivação e o esforço para consegui-lo depende do esportista.

Recentemente Benck (2002), realizou estudos sobre as possíveis atribuições da causalidade em atletas de diferentes modalidades, conclui-se que atletas com maior percepção de sucesso atribuíram as causas de seu desempenho há aspectos pessoais enquanto àqueles que apresentaram uma tendência ao fracasso relacionaram seu desempenho como conseqüência de fatores externos.

3. METODOLOGIA

3.1. SELEÇÃO DA AMOSTRA

Os sujeitos participantes da pesquisa são atletas do sexo feminino, com idade entre 13 e 17 anos, residentes no Distrito Federal, atletas da modalidade esportiva voleibol, Equipe Força Olímpica Infante/Juvenil. Estas realizam treinamento técnico e físico diariamente com uma duração de quatro horas. Sendo uma equipe de rendimento, o objetivo do treinamento almeja a participação em Campeonatos Estaduais.

Serão comparadas primeiramente, as atletas pertencentes à amostra voleibol, visto que, estas pertencem a dois grupos distintos em relação a idade e tempo de treinamento, que chamaremos de Grupo A e Grupo B. Objetiva-se identificar a atribuição de causalidade destinada ao desempenho de grupo (Tabela 1).

Tabela 1

Frequência da Amostra por Idade na Modalidade Voleibol

	≤ 15 anos	≥ 15 anos
Grupo A	4	6
Grupo B	15	0

Total	19	6
--------------	----	---

Percentual da Amostra por Idade na Modalidade Voleibol em relação ao grupo

	≤ 15 anos	≥ 15 anos
Grupo A	40,00	60,00
Grupo B	100,00	0

Em seguida, estes sujeitos serão comparados com uma equipe de Basquete pesquisada por Benck (2002).

Tal modalidade foi selecionada por visar rendimento, além de ser um esporte coletivo, aspecto determinante para a escolha desta, além de considerar as semelhanças, um fator as diferencia, o voleibol apesar de ser um esporte coletivo não apresenta contato físico com seu adversário e o basquete diferente deste apresenta contato intenso, respeitando é claro as respectivas regras da modalidade. A partir disso, se busca comparar os resultados obtidos entre atletas do voleibol e basquetebol, visando identificar a quê estas atletas atribuem o seu desempenho (Tabela 2).

Tabela 2

Freqüência da Amostra por Modalidade

	Freqüência	Percentual
Vôlei	25	67,57
Basquete	12	32,43
Total	37	100

3.2. TÉCNICA

3.2.1. Instrumento de Coleta

3.2.1.1. Descrição da CDS (Versão inicial)

Em estudos realizados sobre a medida de atribuição de causalidade, o avaliador transferia a atribuição feita pelos sujeitos para uma representação dimensional da causa relacionando a teoria da atribuição. Tal procedimento supunha que o significado da atribuição pelo sujeito atribuidor era o mesmo que o significado subjacente na teoria da atribuição.

Russell (1982), de acordo com Benck (2002), descreveu o erro metodológico dos estudos realizados sobre a atribuição de causalidade, tal erro foi classificado como “o erro fundamental do investigador”. Para este autor a metodologia mais adequada consiste em medir como a pessoa que faz a atribuição vê a causa que ela mesma tenha especificado e não pela transferência da causa relacionada à teoria. A partir dessa compreensão, Russell elaborou a *Causal Dimension Scale CDS* (Escala de Dimensão Causal). Após o estudo de alguns pesquisadores sobre a escala, estes identificaram inconstância na primeira versão, e em 1992, McAuley, Ducan e Russell apresentaram mudanças na CDS, o que resultou na reformulação, surgindo então a *Causal Dimension Scale II - CDS II*. Nesta escala, o indivíduo-atribuidor codifica a explicação (atribuição causal) de sua atuação numa série de 9 escalas semânticas, que representam as dimensões propostas por Weiner: locus de causalidade, dimensão de estabilidade e dimensão de controlabilidade.

3.2.1.2. Tradução e Validação da Escala Dimensão Causal II (CDS II)

Esta é uma nova versão da escala CDS, na CDS II a dimensão de controlabilidade foi dividida em duas dimensões: controle pessoal e controle externo, passando a ter 11 itens distribuídos em três dimensões. Assim que os atletas atribuem uma causa a sua atuação, logo após, eles se auto-avaliam em onze escalas de nove pontos ancoradas em seus extremos por expressões que envolvem os quatro tipos de atribuições de causalidade.

Obtem-se os resultados através da soma dos itens que representam cada dimensão (itens 01, 08, 02, 04, 09 locus de controle pessoal; 05, 07 e 11 - controle externo; 03, 06, e 10 - estabilidade).

Para McAuley, Duncan e Russell (1992) apud Benck (2002), a CDSII apresenta uma excelente consistência interna e validade de construto na medição de como os indivíduos percebem as causas do seu desempenho.

Na pesquisa realizada por Benck (2002), encontra-se a tradução da Escala de Dimensão Causal II (Fig. 2), cujo original é de McAuley, E, Duncan, T. e Russell, D. (1992), *Measuring Causal attributions. The revised Causal Dimension Scale II. Personality and Social Psychology Bulletin. 18,566 - 573* (Benck, 2002).

A autora recebeu colaboração de 05 tradutores bilíngües, onde 5 pessoas traduziram o original do inglês para o português. Esta versão foi validada por meio de Back Translation com a colaboração de 5 pessoas que a traduziram do português para o inglês.

Escala de Dimensão Causal II

Sobre a causa do seu desempenho:

1. É o reflexo de um aspecto de você mesmo	9 8 7 6 5 4 3 2 1	É o reflexo de um aspecto da situação
2. É gerenciável por você	9 8 7 6 5 4 3 2 1	Não é gerenciável por você
3. É permanente	9 8 7 6 5 4 3 2 1	É temporário
4. Você pode regular	9 8 7 6 5 4 3 2 1	Você não pode regular
5. É algo sobre a qual os outros têm o controle	9 8 7 6 5 4 3 2 1	Os outros não têm o controle
6. É estável no tempo	9 8 7 6 5 4 3 2 1	É variável no tempo
7. Está sob o poder de outras pessoas	9 8 7 6 5 4 3 2 1	Não está sob o poder de outras pessoas Está relacionado aos outros
8. Está relacionado a você	9 8 7 6 5 4 3 2 1	Você não tem o poder
9. É algo sobre a qual você tem o poder	9 8 7 6 5 4 3 2 1	Modificável
10. Não é modificável	9 8 7 6 5 4 3 2 1	Não pode ser regulada por outros
11. É algo que os outros podem regular	9 8 7 6 5 4 3 2 1	

Obs: Esta escala é uma versão traduzida e adaptada para o Brasil da escala The revised Causal Dimension Scale II (CDSII) desenvolvida por E. McAuley, T.E. Duncan e D. Russell (1992).

Tradução e adaptação: Rossana T. Benck (2002),

Fig. 2 Escala de Dimensão Causal – Tradução e Adaptação (Benck, 2002)

3.2.2. Conteúdo dos Fatores

Para interpretação dos resultados, os itens foram agrupados em três dimensões – controle pessoal, controle externo, estabilidade - que abrangem áreas específicas sobre atribuição de causalidade.

3.2.2.1. Dimensão Controle Pessoal

Nesta dimensão observa-se que os itens respondidos estão relacionados a características internas do indivíduo, refletem causas que estão sob o controle do próprio indivíduo atribuidor. São questões desta dimensão:

Item -1 - É o reflexo de um aspecto de você mesmo

Item - 8 - Está relacionado a você

Item - 2 - É controlado por você

Item - 4 - Você pode regular

Item - 9 - É algo sobre a qual você tem o poder

3.2.2.2. Dimensão Controle Externo

As questões relacionadas a esta dimensão referem-se basicamente a características externas, e que apresentam uma dependência de outras pessoas, sendo assim, as causas são controladas ou não por outro e não pelo indivíduo atribuidor. A seguir as questões:

Item - 5 - É algo sobre a qual os outros têm controle

Item - 7 - Está sob o poder de outras pessoas

Item - 11 - É algo que os outros podem regular

3.2.2.3. Dimensão Estabilidade

Em relação aos itens desta dimensão, percebe-se como característica a questão da variabilidade em relação ao tempo, sendo a causa relacionada a uma questão de ser instável ou estável. Observa-se nos itens descritos:

Item - 3 - É permanente

Item - 6 - É estável no tempo

Item - 10 - Não é modificável

3.3. COLETA DE DADOS

Os dados foram coletados no período de maio de 2004, 25 atletas responderam a escala, num encontro único, realizado no local de treinamento.

Após apresentação sucinta dos objetivos da pesquisa e orientações sobre o preenchimento dos dados, solicitou-se que as atletas avaliassem sua carreira desportiva de maneira geral em relação ao sucesso ou fracasso percebidos, usando como parâmetro uma escala de 1 a 7, onde a pontuação 1 significava fracasso total e 7 sucesso total. Em seguida as atletas responderiam uma pergunta aberta sobre a causa de tal desempenho, considerando a resposta dada a pergunta, as atletas analisariam e preencheriam a Escala de Dimensão Causal II, a qual abrange em seus 11 itens as três dimensões: controle pessoal, controle externo, estabilidade.

Para interpretar os resultados, partiu-se da soma dos itens representados em cada dimensão e cálculo da média para uma análise estatística, usando como programa para análise estatística o SPSS.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1. PERCEPÇÃO GERAL DE SUCESSO E FRACASSO NA MODALIDADE VOLEIBOL

A análise dos resultados partiu inicialmente da pontuação atribuída pelas atletas à sua carreira desportiva. Na escala foi possível cada atleta avaliar seu desempenho, considerando este, de sucesso, de fracasso ou indefinido. Logo em seguida a interpretação da pergunta aberta possibilitou identificar a causa atribuída a tal avaliação.

Na análise estatística realizada dos resultados, percebeu-se que 48% da amostra avaliam sua carreira como sucesso, enquanto 12% têm uma percepção de fracasso (Anexo C).

Em relação à indefinição quanto ao desempenho encontraram-se 40% como resultado, um dado considerável já que a maior parte das atletas têm um tempo médio de dois anos de treinamento, o que pressupõe um grau de conhecimento de seu desempenho. Pode-se inferir que a dificuldade em identificar o seu desempenho resulta de erro ou omissão em relação ao *feedback*. O momento do *feedback*, principalmente o positivo, além de motivar possibilita identificar e fornecer informações importantes que afetam a percepção do atleta.

Vallerand (apud Weinberg & Gould,1995), após estudos realizados com jogadores de hóquei adolescentes, relata que os grupos que receberam *feedback* tiveram escores mais elevados em percepção de competência e motivação intrínseca do que o grupo sem *feedback*.

Sucessos e fracassos na competição também podem afetar a motivação intrínseca. Através da manipulação da percepção dos indivíduos de sucesso e fracasso em uma tarefa motora, vários pesquisadores revelaram que as pessoas têm níveis mais altos de motivação intrínseca após sucesso do que após fracassos.

Há uma tendência em focalizar os vencedores ou perdedores de uma competição, ou seja, uma representação objetiva do resultado. Entretanto, McAulley e Tammen (apud Weinberg & Gould, 2001), relataram que às vezes um atleta tem um bom desempenho num jogo e mesmo assim acaba perdendo para um adversário superior, enquanto outras vezes uma pessoa joga mal e ainda vence um adversário fraco. Esses resultados subjetivos também determinam o grau de motivação intrínseca do atleta. Sendo assim, atletas que percebem uma boa atuação mesmo perdendo apresentam níveis mais altos de motivação intrínseca, do que aqueles com percepções mais baixas de sucesso.

4.2. COMPARAÇÃO ENTRE OS GRUPOS DA MODALIDADE VOLEIBOL

Ao observarmos os resultados encontrados nos Grupos A e B de voleibol, percebe-se uma diferença considerável em relação à percepção de sucesso da amostra, no Grupo A apenas 8% das atletas avaliam sua carreira como de sucesso enquanto a porcentagem se eleva para 40% no Grupo B (Tabela 3). Pode-se levantar como hipótese para tal resultado, o fato de que o Grupo B é mais novo em idade como também em tempo de competições, além de serem treinadas por treinadores diferentes, e que possivelmente o ritmo dos treinos e o *feedback* são apresentados de maneiras distintas.

Tabela 3

Descrição Estatística da Amostra Modalidade Voleibol – Percepção de Sucesso

Percepção de Sucesso de acordo com a Escala Likert da CDS II				
Grupos	Tamanho da Amostra	Frequência de Sucesso	Percentual em relação ao total	Percentual em relação a modalidade
A	10	2	8,00	20,00
B	15	10	40,00	66,70

Total	25	12	48,00	-
-------	----	----	-------	---

Em relação ao fracasso, ambos os grupos têm uma percepção pequena, 8% no Grupo A e 4% no Grupo B (Tabela 4).

Tabela 4

Descrição Estatística da Amostra Modalidade Voleibol – Percepção de Fracasso

Percepção de Fracasso de acordo com a Escala Likert da CDSII				
Grupos	Tamanho da Amostra	Frequência de Fracasso	Percentual em relação ao total	Percentual em relação a modalidade
A	10	2	8,00	20,00
B	15	1	4,00	6,70
Total	25	3	12,00	-

Entretanto, o índice de indefinição é alto se considerarmos o tamanho da amostra, 24% no Grupo A e 16% no Grupo B (Tabela 5). Percebe-se que as atletas ainda não conseguem avaliar de maneira precisa o seu desempenho. Considera-se que o *feedback* do treinador seria a base que elas teriam para identificar e direcionar o seu treinamento.

Tabela 5

Descrição Estatística da Amostra Modalidade Voleibol – Percepção de Indefinição

Percepção de Indefinição de acordo com a Escala Likert da CDSII				
Grupos	Tamanho da Amostra	Frequência de Indefinição	Percentual em relação ao total	Percentual em relação a modalidade
A	10	6	24,00	60,00
B	15	4	16,00	26,70
Total	25	10	40,00	-

Ao compararmos os grupos A e B, pretendia-se identificar discrepâncias existentes, os resultados demonstraram que o Grupo A não apresenta uma percepção considerável da carreira em relação ao sucesso ou fracasso, entretanto, percebe-se um alto índice de indefinição neste grupo. Já a maioria das atletas do Grupo B avaliou seu desempenho como de sucesso (Anexo F).

Para tal resultado levanta-se a hipótese de que além de déficit em relação ao *feedback*, um outro fator que pode estar influenciando nesta diferença na avaliação é a cobrança do treinador e até mesmo da própria atleta em relação ao desempenho, já que o Grupo A é composto por atletas mais velhas em idade e tempo de treinamento.

4.2.1. Interpretação dos Fatores Dimensionais na Modalidade Voleibol – Grupos por Idade

Após uma análise geral dos resultados em relação à percepção de sucesso e fracasso na carreira, relacionar os fatores de cada dimensão é importante para que se identifiquem quais os fatores que determinam esta atribuição.

Na comparação realizada entre os grupos não foi encontrada diferença significativa, portanto, os fatores indicados são semelhantes entre as amostras, realizou-se um teste estatístico t para verificar nível de significância (Tabela 6/ Tabela 7/ Tabela 8).

A dimensão controle pessoal é apontada como a de maior índice, sendo assim, as atletas com percepção de sucesso, apresentam uma tendência a atribuir seu desempenho a fatores pessoais, isto é, são controlados pelas próprias, o que descarta uma possível atribuição a fatores externos (... força de vontade e meu empenho), e tais comportamentos apresentam estabilidade em relação ao tempo, enquanto as atletas que avaliaram sua carreira como de fracasso, tendem a atribuir a fatores externos (... por causa do pouco tempo...). O fator estabilidade sugere uma percepção mediana, o desempenho encontra-se estável.

Tabela 6

Dimensão Controle Pessoal Voleibol por Idade

Variável	Grupo	
	A	B
N	10	15
Média	5,96	6,30
Desvio Padrão	1,28	1,84

$t = 0,53 < 2,07$ 95% de confiabilidade

Conclusão: Diferença não é significativa

Tabela 7

Dimensão Controle Externo Voleibol por Idade

Variável	Grupo	
	A	B
N	10	15
Média	4,03	4,88
Desvio Padrão	1,73	1,21

$t = 1,32 < 2,07$ 95% de confiabilidade

Conclusão: Diferença não é significativa

Tabela 8

Dimensão Estabilidade Voleibol por Idade

Variável	Grupo	
	A	B
N	10	15
Média	4,46	5,75
Desvio Padrão	2,20	1,63

$t = 1,53 < 2,07$ 95% de confiabilidade

Conclusão: Diferença não é significativa

4.3. COMPARAÇÃO DAS MODALIDADES VOLEIBOL E BASQUETEBOL

Analisando os dados obtidos em relação ao desempenho geral entre as modalidades voleibol e basquetebol, observou-se coerência entre os resultados no sentido de que as duas amostras apresentaram uma frequência maior em relação ao sucesso, baixo percepção de fracasso e também foi encontrado índices próximos em relação à indefinição (Tabela 9/ Tabela 10/ Tabela 11), sugere-se como fator determinante de tal proporção um erro no sistema de *feedback*.

Nos estudos de Benck (2002), relata-se a confirmação da teoria, ou seja, os indivíduos envolvidos com esporte atribuem suas causas com base no resultado da atividade, portanto os indivíduos que apresentam maior percepção de sucesso atribuem as causas aos fatores internos e estáveis.

Portanto, após a análise geral da percepção de sucesso e fracasso, pode-se dizer que as modalidades estudadas tendem a atribuir as causas de seu desempenho a fatores internos, independente das diferenças e características de cada esporte.

Tabela 9

Descrição Estatística da Amostra Modalidades Voleibol e Basquetebol – Percepção de Sucesso

Percepção de Sucesso de acordo com a Escala Likert da CDS II				
Modalidade	Tamanho da Amostra	Frequência de Sucesso	Percentual em relação ao total	Percentual em relação a modalidade
Vôlei	25	12	35,10	52,00
Basquete	12	7	18,90	58,00
Total	37	20	54,00	-

Tabela 10

Descrição Estatística Modalidades Voleibol e Basquetebol – Percepção de Fracasso

Percepção de Fracasso de acordo com a Escala Likert da CDS II				
Modalidade	Tamanho da Amostra	Freqüência de Fracasso	Percentual em relação ao total	Percentual em relação a modalidade
Vôlei	25	3	5,40	8,00
Basquete	12	0	0	0
Total	37	2	5,40	-

Tabela 11

Descrição Estatística Modalidades Voleibol e Basquetebol – Percepção de Indefinição

Percepção de Indefinição de acordo com a Escala Likert da CDSII				
Modalidade	Tamanho da Amostra	Freqüência de Indefinidos	Percentual em relação ao total	Percepção em relação a Modalidade
Vôlei	25	10	27,00	40,00
Basquete	12	5	13,50	41,60
Total	37	15	40,50	-

4.3.1. Interpretação dos Fatores Dimensionais nas Modalidades Voleibol e Basquetebol

Ao analisar os fatores dimensionais de atribuição de causalidade das modalidades voleibol e basquetebol encontrou-se uma tendência a atribuir a causa do desempenho ao fator controle pessoal, a diferença encontrada entre os índices não é significativa, concluindo com isso que tanto no voleibol quanto no basquete as atletas apresentam maior índice neste fator. A análise estatística para nível de significância foi a partir do Teste t (Tabela 12).

Tabela 12

Dimensão Controle Pessoal por Modalidade

Variável	Modalidade	
	Vôlei	Basquete
N	25	12
Média	6,16	6,80
Desvio Padrão	1,61	1,39

$t = 1,28 < 2,03$ 95% de confiabilidade

Conclusão: Diferença não é significativa

Já nos fatores controle externo e estabilidade, foram encontrados diferenças significativas entre as modalidades, analisa-se que as atletas do voleibol apresentam maior índice de atribuição em relação ao fator externo que as do basquete, isso pode revelar que tais atletas estejam responsabilizando mais fatores externos a seu desempenho e rendimento do que as atletas do basquete (Tabela 13).

Tabela 13

Dimensão Controle Externo por Modalidade

Variável	Modalidade	
	Vôlei	Basquete
N	25	12
Média	4,54	3,36
Desvio Padrão	1,47	1,21

$t = 2,62 > 2,03$ 95% de confiabilidade

Conclusão: Diferença significativa

Em relação ao fator estabilidade, as atletas do voleibol apresentaram um índice maior, o que sugere que a causas da atribuição de sucesso ou fracasso apresentam-se mais estável que o basquetebol (Tabela 14). As diferenças encontradas podem ser justificadas pelo nível de competição, já que as atletas do

basquete participam de campeonatos nacionais, além da influência de variáveis situacionais e subjetividade de cada atleta.

Tabela 14

Dimensão Estabilidade por Modalidade

Variável	Modalidade	
	Vôlei	Basquete
N	25	12
Média	5,24	4,22
Desvio Padrão	1,94	1,13

$t = 2,04 > 2,03$ 95%de confiabilidade

Conclusão: Diferença significativa

5. CONCLUSÃO

A Atribuição de Causalidade permite identificar a quem as pessoas atribuem as causas de seus comportamentos. O estudo sobre a atribuição no Esporte possibilita identificar, compreender e traçar objetivos em relação ao comportamento de cada atleta.

Percebe-se que Psicologia e Esporte estão intimamente ligados visto que, o homem busca cada vez mais superar seus limites e marcas. Entretanto, questões como medo do fracasso, da derrota o acompanham constantemente, identificar o que motiva uma atleta, por exemplo, pode auxiliar num roteiro de treinamento, e um atleta bem “treinado” física, tática e psicologicamente apresenta maior probabilidade de rendimento e desempenho positivo.

Este estudo possibilitou identificar a atribuição de causalidade do desempenho numa equipe de atletas infante/juvenis de voleibol feminino. Vale ressaltar que os resultados encontrados dizem respeito a um grupo específico, não sendo recomendável uma generalização.

Observou-se nos resultados encontrados que as atletas da modalidade voleibol que apresentam uma percepção maior de sucesso atribuem as causas de seu desempenho a fatores internos, estabelecendo assim, um maior controle pessoal, aliado a isso, tais atletas também percebem as causas como mais estáveis do que àquelas que apresentam uma percepção de fracasso.

A amostra analisada sugere uma verificação no sistema de *feedback* e até mesmo em relação ao clima motivacional, visto que, a média da indefinição foi considerada significativa. Um atleta necessita de informações verídicas sobre a sua performance para que elabore ações de mudança, isso contribuirá para aspectos motivacionais, psicológicos e até comportamentais do próprio atleta.

Em relação ao voleibol, a percepção geral do desempenho mostrou diferentes resultados entre os grupos de diferentes idades. Entretanto, na análise dos fatores das dimensões não foi encontrada diferença significativa.

Na comparação entre as modalidades voleibol e basquetebol, percebeu-se que mesmo sendo modalidades específicas possuindo regras distintas, evidenciaram características comuns nos resultados, ambas apresentam uma percepção geral de sucesso. Em relação às dimensões dos fatores da atribuição de causalidade, cabe afirmar que a média encontrada no fator pessoal foi maior entre àqueles que possuem uma percepção de sucesso. Respeitando as diferenças entre as modalidades, observou-se que atletas com uma percepção maior de sucesso

atribuem as causas de seu desempenho a fatores pessoais e que podem ser controlados pelo próprio atleta, isto é, tendem a relacionar esforço próprio à sua performance, o que confirma a Teoria Atribucional de Weiner, na qual conclui-se que atletas com passado de vitória tendem a atribuir seus sucessos a causas internas estáveis e seus fracassos a causas externas.

Após o exposto certifica-se que os objetivos foram alcançados, e que este estudo mesmo sendo realizado com um grupo pequeno pode ser um ponto inicial para se aprofundar e estudar esta área da Psicologia do Esporte tão importante. Espera-se que este trabalho promova esclarecimentos acerca do tema além de instigar uma investigação mais abrangente em relação à atribuição, já que, o que nos motiva possibilita entender e avaliar nossos comportamentos.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBANTI, V. J. E BENTO, J. O . Esporte e Atividade Física: Interação entre rendimento e qualidade de vida. Barueri – São Paulo: Manole, 2002.

BENCK, R. T. **Atribuições de Causalidade em diferentes modalidades Desportivas: Uma Aplicação da Causal Dimension Scale II – CDS II Escala de Dimensão Causal.** 2002.136f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Faculdade de Educação Física, Universidade de Brasília, Brasília, 2002.

BERGAMINI, C. WHITAKER. **Motivação.** São Paulo: Atlas, 1986.

CARVALHO, O. M. **Caderno Técnico - Didático - Voleibol Moderno - O ensino e a técnica dos fundamentos - a tática de ataque e defesa.** Brasília: MEC-Secretaria de Educação Física e Desportos, 1980.

CRATTY, B. J. **Psicologia no Esporte.** Rio de Janeiro: Pretince- Hall do Brasil, 1984.

FEIJÓ, O. G. **Psicologia para o Esporte - Corpo e Movimento.** Rio de Janeiro: Shape, 1988.

FRANCO, G. S. **Psicologia no Esporte e na Atividade Física: Uma coletânea sobre a prática com qualidade.** São Paulo: Manole, 2000.

GRECO, P. J. SAMUSKI, D. M. JÚNIOR, E. C. **Temas Atuais em Educação Física.** Belo Horizonte: HEALTH, 1997.

LAWTHER, J. D. **Psicologia Desportiva.** Rio de Janeiro: Forum, 1973.

MOSQUERA, J. J. M e STOBÄUS, C. D. **Psicologia do Desporto.** Porto Alegre: Universidade, 1984.

PRONI, M. e LUCENA, R. **Esporte, história e sociedade.** Barueri – São Paulo: Associados, 2002.

RODRIGUES, A. **Psicologia Social.** Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

SCHUHLY, G. F. **Motivação e Desenvolvimento: Adolescentes brasileiros de camadas populares - Questões de socialização e educação.** São Paulo: Loyola, 1995.

SILVA, A. R. **Psicologia Esportiva e preparo do atleta.** Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1967.

TAVARES, F. **Análise da Estrutura e Dinâmica do Jogo nos Jogos Desportivos.** In: BARBANTI, V. J. **Esporte e Atividade Física – Interação entre Rendimento e Qualidade de Vida.** Barueri – São Paulo: Manole, 2002.

THOMAS, A. **Esporte - Introdução à Psicologia.** Rio de Janeiro: Livro Técnico S. A.1983.

TUBINO, G. **Metodologia Científica do Treinamento Desportivo.** São Paulo: Ibrasa, 1980.

_____. **Teoria Geral do Esporte.** São Paulo: Ibrasa, 1987.

VALDÉS, H. M. C. **Personalidad, Actividad Física Y Deporte – Avances imprescindibles para el educador físico y entrenador.** Armenia, Colombia: Revista Kinesis, 1996.

WEINBERG, R. S e GOULD, D. **Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

WEINECK, J. **Atividade Física e Esporte: Para Quê?** Barueri – São Paulo: Manole, 2003.

7. ANEXOS

LISTA DE ANEXOS

Anexo A: Atribuições de Causalidade para o Sucesso e Fracasso na Modalidade Esportiva Voleibol Feminino	50
Anexo B: Pesquisa sobre Atribuições de Causalidade Escala Dimensão Causal II	51

Anexo C: Percepção Geral do Desempenho Esportivo na Modalidade Voleibol	52
Anexo D: Média Geral em relação às Dimensões de Causalidade – Modalidade Voleibol	53
Anexo E: Frequência das Dimensões de Causalidade - Modalidade Voleibol	54
Anexo F: Percepção Geral do Desempenho Esportivo na Modalidade Voleibol – Grupos A e B	56
Anexo G: Média Geral em Relação às Dimensões de Causalidade – Modalidade Voleibol – Grupo A	57
Anexo H: Média Geral em Relação às Dimensões de Causalidade – Modalidade Voleibol – Grupo B	59
Anexo I: Médias nos fatores da Escala de Atribuição Causal (CDS II), de acordo com a percepção das atletas da Modalidade Voleibol	61
Anexo J: Percepção Geral do Desempenho Esportivo Modalidades Voleibol e Basquetebol.....	62

Anexo A: ATRIBUIÇÕES DE CAUSALIDADE PARA O SUCESSO E FRACASSO NA MODALIDADE ESPORTIVA VOLEIBOL FEMININO

Pesquisadora: Ana Maria Bastos de Carvalho

Orientador Prof. Dr. Hiram Valdés

UniCEUB - Centro Universitário de Brasília

Faculdade de Ciências da Saúde

TERMO DE CONSENTIMENTO DO RESPONSÁVEL
--

Eu, **Admir do Nascimento Cambraia**, responsável legal pelas atletas da Equipe Força Olímpica Infante/Juvenil, declaro ter lido o presente termo e compreendido o seu significado, informando o seguinte:

1. Estou autorizando, a participação da Equipe Voleibolística, no estudo de pesquisa Atribuições de Causalidade para o Sucesso e Fracasso na Modalidade Esportiva Voleibol Feminino, que tem como objetivo comparar as atribuições de causa de desempenho entre as modalidades voleibol e basquetebol, sendo tais modalidades, coletivas.
2. Estou ciente de que posso anular a autorização da participação nesta pesquisa a qualquer momento sem prejuízo algum para as atletas.
3. Fui esclarecido que cada atleta registrará dados demográficos pessoais e preencherá uma Escala de Dimensão Causal, sobre esta, recebi as orientações e esclarecimentos necessários.
4. Estou ciente de que a pesquisa não acarretará nenhum prejuízo as atletas, seus resultados visam oferecer benefícios a estas.

Brasília, 12 de maio de 2004.

Admir do Nascimento Cambraia
Coordenador e Técnico

**Anexo B: PESQUISA SOBRE ATRIBUIÇÕES DE CAUSALIDADE ESCALA
DIMENSÃO CAUSAL II**

Data: ___/___/___

Data de Nascimento: ___/___/___

Cidade /Estado: _____

Sexo: Feminino Masculino

Modalidade que pratica: _____

Carga Horária diária de treinamento: _____ horas

Há quanto tempo pratica? _____ anos

Nível de competição: Nacional () Internacional ()

- Utilizando a escala abaixo, como você avalia o desempenho geral da sua carreira desportiva?

(Assinale apenas um número)

Fracasso 1 2 3 4 5 6 7 Sucesso

Qual a causa que você atribui a este seu desempenho? _____

Procure avaliar a causa descrita acima de acordo com os itens relacionados abaixo. As escalas que acompanham estes itens permitem descrever as principais características da causa do seu desempenho (Circule apenas em numero).

Sobre a causa do seu desempenho :

É o reflexo de um aspecto de você mesmo	9 8 7 6 5 4 3 2 1	É o reflexo de um aspecto da situação
É gerenciável por você	9 8 7 6 5 4 3 2 1	Não é gerenciável por você
É permanente	9 8 7 6 5 4 3 2 1	É temporário
Você pode regular	9 8 7 6 5 4 3 2 1	Você não pode regular
É algo sobre a qual os outros têm o controle	9 8 7 6 5 4 3 2 1	Os outros não têm o controle
É estável no tempo	9 8 7 6 5 4 3 2 1	É variável no tempo
Está sob o poder de outras pessoas	9 8 7 6 5 4 3 2 1	Não está sob o poder de outras pessoas
		Está relacionado aos outros
Está relacionado a você	9 8 7 6 5 4 3 2 1	Você não tem o poder
É algo sobre a qual você tem o poder	9 8 7 6 5 4 3 2 1	Modificável
Não é modificável	9 8 7 6 5 4 3 2 1	Não pode ser regulada por outros
É algo que os outros podem regular	9 8 7 6 5 4 3 2 1	

Obs: Esta escala é uma versão traduzida e adaptada para o Brasil da escala The revised Causal Dimension Scale II (CDSII) desenvolvida por E. Mcauley, T.E. Duncan e D.Russell (1992).

Tradução e adaptação: Rossana T. Benck (2002),

Anexo C: Percepção Geral do Desempenho Esportivo na Modalidade Voleibol

Statistics

AVALIAÇA		
N	Valid	25
	Missing	0
Mean		2,36
Std. Deviation		,700

AVALIAÇA

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Fracasso	3	12,0	12,0	12,0
	Indefinido	10	40,0	40,0	52,0
	Sucesso	12	48,0	48,0	100,0
	Total	25	100,0	100,0	

Fonte: SPSS

Anexo D: Média Geral em Relação às Dimensões de Causalidade – Modalidade Voleibol

Statistics

		PESSOAL	EXTERNO	ESTABIL
N	Valid	25	25	25
	Missing	0	0	0
Mean		6,1680	4,5467	5,2400
Std. Deviation		1,61934	1,47473	1,94489

Fonte: SPSS

Anexo E: Freqüência das Dimensões de Causalidade - Modalidade Voleibol

PESSOAL

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	3,20	1	4,0	4,0	4,0
	3,80	1	4,0	4,0	8,0
	4,00	1	4,0	4,0	12,0
	4,20	1	4,0	4,0	16,0
	4,40	1	4,0	4,0	20,0
	5,00	1	4,0	4,0	24,0
	5,20	3	12,0	12,0	36,0
	5,60	2	8,0	8,0	44,0
	5,80	1	4,0	4,0	48,0
	6,00	1	4,0	4,0	52,0
	6,20	2	8,0	8,0	60,0
	6,60	1	4,0	4,0	64,0
	7,20	1	4,0	4,0	68,0
	7,60	1	4,0	4,0	72,0
	7,80	2	8,0	8,0	80,0
	8,20	2	8,0	8,0	88,0
	8,40	3	12,0	12,0	100,0
	Total	25	100,0	100,0	

Fonte: SPSS

EXTERNO

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1,33	2	8,0	8,0	8,0
	3,00	1	4,0	4,0	12,0
	3,67	5	20,0	20,0	32,0
	4,00	1	4,0	4,0	36,0
	4,33	5	20,0	20,0	56,0
	4,67	3	12,0	12,0	68,0
	5,33	1	4,0	4,0	72,0
	6,00	2	8,0	8,0	80,0
	6,33	2	8,0	8,0	88,0
	6,67	3	12,0	12,0	100,0
	Total	25	100,0	100,0	

Fonte: SPSS

ESTABIL

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	2,00	1	4,0	4,0	4,0
	2,33	1	4,0	4,0	8,0
	2,67	2	8,0	8,0	16,0
	3,00	1	4,0	4,0	20,0
	3,33	1	4,0	4,0	24,0
	3,67	1	4,0	4,0	28,0
	4,00	2	8,0	8,0	36,0
	4,33	2	8,0	8,0	44,0
	4,67	1	4,0	4,0	48,0
	5,33	1	4,0	4,0	52,0
	6,33	2	8,0	8,0	60,0
	7,00	8	32,0	32,0	92,0
	8,00	2	8,0	8,0	100,0
	Total	25	100,0	100,0	

Fonte: SPSS

Anexo F: Percepção Geral do Desempenho Esportivo na Modalidade Voleibol – Grupos A e B

Statistics

GRUPOA

N	Valid	10
	Missing	0
Mean		2,00
Std. Deviation		,667

GRUPOA

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Sucesso	2	20,0	20,0	20,0
Indefinido	6	60,0	60,0	80,0
Fracasso	2	20,0	20,0	100,0
Total	10	100,0	100,0	

Fonte: SPSS

Statistics

GRUPOB

N	Valid	15
	Missing	0
Mean		1,40
Std. Deviation		,632

GRUPOB

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Sucesso	10	66,7	66,7	66,7
Indefinido	4	26,7	26,7	93,3
Fracasso	1	6,7	6,7	100,0
Total	15	100,0	100,0	

Fonte: SPSS

Anexo G: Média Geral em Relação às Dimensões de Causalidade Modalidade Voleibol - Grupo A

Statistics

		PESSOAL1	EXTERNO1	ESTABIL1
N	Valid	10	10	10
	Missing	0	0	0
Mean		5,9600	4,0333	4,4667
Std. Deviation		1,28167	1,73881	2,20101

PESSOAL1

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 4,20	1	10,0	10,0	10,0
4,40	1	10,0	10,0	20,0
5,00	1	10,0	10,0	30,0
5,60	1	10,0	10,0	40,0
5,80	1	10,0	10,0	50,0
6,00	1	10,0	10,0	60,0
6,20	1	10,0	10,0	70,0
6,60	1	10,0	10,0	80,0
7,60	1	10,0	10,0	90,0
8,20	1	10,0	10,0	100,0
Total	10	100,0	100,0	

EXTERNO1

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 1,33	2	20,0	20,0	20,0
3,00	1	10,0	10,0	30,0
3,67	1	10,0	10,0	40,0
4,33	2	20,0	20,0	60,0
4,67	1	10,0	10,0	70,0
5,33	1	10,0	10,0	80,0
6,00	1	10,0	10,0	90,0
6,33	1	10,0	10,0	100,0
Total	10	100,0	100,0	

ESTABIL1

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 2,00	1	10,0	10,0	10,0
2,33	1	10,0	10,0	20,0
3,00	1	10,0	10,0	30,0
3,33	1	10,0	10,0	40,0
3,67	1	10,0	10,0	50,0
4,00	2	20,0	20,0	70,0
6,33	1	10,0	10,0	80,0
8,00	2	20,0	20,0	100,0
Total	10	100,0	100,0	

Fonte: SPSS

Anexo H: **Média Geral em Relação às Dimensões de Causalidade Modalidade Voleibol - Grupo B**

Statistics

		PESSOAL2	EXTERNO2	ESTABIL2
N	Valid	15	15	15
	Missing	0	0	0
Mean		6,3067	4,8889	5,7556
Std. Deviation		1,84060	1,21281	1,63040

PESSOAL2

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	3,20	1	6,7	6,7	6,7
	3,80	1	6,7	6,7	13,3
	4,00	1	6,7	6,7	20,0
	5,20	3	20,0	20,0	40,0
	5,60	1	6,7	6,7	46,7
	6,20	1	6,7	6,7	53,3
	7,20	1	6,7	6,7	60,0
	7,80	2	13,3	13,3	73,3
	8,20	1	6,7	6,7	80,0
	8,40	3	20,0	20,0	100,0
	Total	15	100,0	100,0	

EXTERNO2

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	3,67	4	26,7	26,7	26,7
	4,00	1	6,7	6,7	33,3
	4,33	3	20,0	20,0	53,3
	4,67	2	13,3	13,3	66,7
	6,00	1	6,7	6,7	73,3
	6,33	1	6,7	6,7	80,0
	6,67	3	20,0	20,0	100,0
	Total	15	100,0	100,0	

ESTABIL2

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	2,67	2	13,3	13,3	13,3
	4,33	2	13,3	13,3	26,7
	4,67	1	6,7	6,7	33,3
	5,33	1	6,7	6,7	40,0
	6,33	1	6,7	6,7	46,7
	7,00	8	53,3	53,3	100,0
	Total	15	100,0	100,0	

Fonte: SPSS

Anexo I: **Médias nos fatores da Escala de Atribuição Causal (CDS II), de acordo com a percepção das atletas da modalidade Voleibol**

Descriptives

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum	
					Lower Bound	Upper Bound			
PESSOAL	Fracasso	3	5,7333	2,50067	1,44376	-,4787	11,9453	3,20	8,20
	Indefinido	10	5,2600	1,27209	,40227	4,3500	6,1700	3,80	7,80
	Sucesso	12	7,0333	1,28157	,36996	6,2191	7,8476	5,20	8,40
	Total	25	6,1680	1,61934	,32387	5,4996	6,8364	3,20	8,40
EXTERNO	Fracasso	3	4,0000	,33333	,19245	3,1720	4,8280	3,67	4,33
	Indefinido	10	4,5333	1,61169	,50966	3,3804	5,6863	1,33	6,67
	Sucesso	12	4,6944	1,57927	,45590	3,6910	5,6979	1,33	6,67
	Total	25	4,5467	1,47473	,29495	3,9379	5,1554	1,33	6,67
ESTABIL	Fracasso	3	3,6667	1,66667	,96225	-,4736	7,8069	2,00	5,33
	Indefinido	10	4,1667	1,91324	,60502	2,7980	5,5353	2,33	8,00
	Sucesso	12	6,5278	1,10516	,31903	5,8256	7,2300	4,33	8,00
	Total	25	5,2400	1,94489	,38898	4,4372	6,0428	2,00	8,00

Fonte: SPSS

Anexo J: Percepção Geral do Desempenho Esportivo Modalidades Voleibol – Basquetebol

Statistics

VOLEI		
N	Valid	25
	Missing	0
Mean		1,64
Std. Deviation		,700

VOLEI

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sucesso	12	48,0	48,0	48,0
	Indefinido	10	40,0	40,0	88,0
	Fracasso	3	12,0	12,0	100,0
	Total	25	100,0	100,0	

Fonte: SPSS

Statistics**BASQUETE**

N	Valid	12
	Missing	0
Mean		1,42
Std. Deviation		,515

BASQUETE

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sucesso	7	58,3	58,3	58,3
	Indefinido	5	41,7	41,7	100,0
Total		12	100,0	100,0	

Fonte: SPSS